

XXIX Encontro Anual da ANPOCS
De 25 a 29 de outubro de 2005, Caxambu, MG

GT 15: PENSAMENTO SOCIAL NO BRASIL

INTÉRPRETES DO BRASIL E O MODERNISMO
Maria Arminda do Nascimento Arruda

Intérpretes do Brasil e o Modernismo: a propósito do cânone da cultura brasileira

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA

A multiplicidade de obras que analisam a produção intelectual no Brasil, sobretudo dos ensaístas que foram classificados como os nossos Intérpretes, a trindade que constituiu a geração de 1930, - Gilberto Freyre, Caio Prado jr., Sérgio Buarque de Holanda - demarca uma tendência atual de preocupações da sociologia da cultura brasileira. Comumente denominada de história intelectual, tal especialidade distingue-se da conhecida história das idéias, bem como da tradição da sociologia do conhecimento, em decorrência do modo como problematiza a vida intelectual e constrói o arcabouço analítico que, como sabemos, não se constituem em operações isoladas.

A principal diferença em relação à história das idéias é que esta toma, fundamentalmente, a produção intelectual em si mesma, como se tratasse de um quadro integrado de obras postas numa sucessão temporal, no qual se distinguem períodos a partir de certos princípios considerados comuns a um conjunto de textos. Nessa linha de interpretação, persegue-se, normalmente, atributos semelhantes, capazes de dar vida a escolas de pensamento, critério essencial da periodização. Esses momentos discretos são vistos isoladamente, acabando por derivar o tempo de características comuns a um agrupamento . Sem avançar mais nessas considerações, é possível dizer que à história das idéias escapa a possibilidade de categorizar a divergência, tanto de autores, , quanto de obras que escapam das seqüências, considerados, em geral, como expressões da gestação de movimentos futuros. Naturalmente, o seu ponto de vista não encontra na sociologia aportes analíticos importantes para o desenvolvimento das suas reflexões.

A distinção essencial em relação à sociologia do conhecimento à *la Mannheim* decorre, especialmente, da rejeição do princípio da existência de autonomia dos intelectuais, mesmo que esta seja tomada na perspectiva relativa. Tampouco, reconhece aos intelectuais a condição do desempenho de papéis eqüidistantes atribuídos por Mannheim, ainda que as duas orientações compartilhem, porém de modo radicalmente diverso, da convicção da determinação social do pensamento. A história intelectual contextualiza a produção dos praticantes da área a partir das suas inserções sociais particulares, das trajetórias, das experiências vividas por cada um, dos condicionamentos internos e externos ao seu mundo, que são a seiva produtora das idéias. Ocorre uma espécie de dessacralização da vida intelectual nesse tipo de especialidade.

Esse veio interpretativo que tem no livro de Sérgio Miceli (1979) caráter pioneiro, florescerá na passagem do decênio 1980-1990. Significativamente, na última década do século passado, a história intelectual tornou-se um exercício de auto-reflexão da sociologia, ainda que não de forma exclusiva. De modo geral, privilegiou-se os intelectuais ligados ao modernismo, tornando esses trabalhos um tipo de reflexão sobre os caminhos da nossa modernidade cultural. Assim, os estudos sobre o modernismo e os modernistas são expressivos de certas inclinações dirigidas ao entendimento das novas dicções, revelando uma modalidade de busca das origens do pensamento moderno. Os temas sofrem um processo de pulverização – um autor, um movimento, uma geração – apontando para a presença de certo ceticismo derivado do recorte analítico. Abandonou-se a aposta na inexorabilidade da modernização cultural, ou, na contraface da mesma questão, a inquirição dos seus empecilhos. A investigação da realização da cultura moderna entre nós cumpre-se por meio do tratamento de contextos particulares, reveladores de atitudes apartadas dos estudos gerais, como se pode perceber num número significativo de trabalhos escritos ao longo dos anos 1990. Esses trabalhos sobre a vida intelectual no Brasil acabam por manifestar implicitamente a própria postura do autor frente a determinados problemas, avivando a compreensão e a apreciação da nossa modernidade. Por isso, essas reflexões parecem movimentar-se no mesmo universo de indagações dos autores analisados, na medida em que retornam de forma oblíqua às questões formuladas pelos intelectuais em escrutínio.

Não tenho a pretensão de analisar as obras que se dedicaram a tratar da vida intelectual no Brasil, tampouco de selecionar exemplos apanhados ao acaso. Há um volume significativo de títulos disponíveis bastante apreciável, dificultando a realização de escolha equilibrada. Foge, sobretudo, ao meu objetivo imediato analisar essa produção mais recente escrita por sociólogos especializados nos temas da cultura. Desejo, antes, tentar elucidar as origens do reexame do pensamento moderno no Brasil, da criação do cânone da nossa cultura, apontando para a presença de algumas singularidades do nosso fazer intelectual, marcado por certo empenho na formulação das idéias, paradoxalmente combinado a uma visão construída a partir do descentramento.

Em realidades com a nossa, o problema parece redefinido na vivência do “desterro na nossa própria terra”, para retomar a conhecida frase na abertura de ***Raízes do Brasil***, de Sérgio Buarque de Holanda. O problema intelectual recorta, então, questão de outra natureza, equacionada no ensaio de Paulo Arantes, ***Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo***, a propósito da análise dos ensaios recorrentes sobre a formação, “noção a um tempo descritiva e normativa” (p. 12). Um tipo de avatar do intelectual na periferia do mundo, o primado do ideal de formação permite que se contorne o sentimento de artificialidade da nossa cultura, a ausência de linha evolutiva, inexistência de seriação nas idéias, a persistência da nossa “indiferença”, segundo Sílvio Romero, constante domínio da importação externa sobre a tradição local (p. 17). O problema da formação como questão decisiva de ordem intelectual, fundamenta o florescimento de uma cultura enraizada, na medida em que confere organicidade à sociedade brasileira, estabelecendo o lastro para a expressão da intelectualidade nativa. Foi a publicação de ***Formação da Literatura Brasileira***, de Antonio Candido, que desatou, segundo Arantes, este “nó histórico” (p. 19), quando o princípio da formação converteu-se em método, permitindo o tratamento do sistema literário, “processo cumulativo de articulação” (p. 21). A formação como “acumulação literária” (p. 31) é anulação da descontinuidade, simultaneamente permite criar uma atividade intelectual criativa na periferia, ou, recuperando o preceito construído por Antonio Candido para balizar a reflexão no Brasil, é condensação equilibrada de “localismo” e “cosmopolitismo”. Enquanto

problema de fundo intelectual, o tratamento da formação possibilita contornar a origem da “torção” da vida intelectual brasileira, expressa em ***As idéias fora de lugar***, de Roberto Schwarz, uma vez que o nascimento da economia moderna, baseada no trabalho livre, punha o Brasil “fora do sistema da ciência” (***Ao vencedor as batatas***. São Paulo: Duas Cidades, 1977, p. 13).

Para desdobrar essa questão, revisito Antonio Candido, intelectual decisivo na formulação do cânone da cultura no Brasil. Construído o sistema literário, nutrido no compromisso dos escritores brasileiros em “nos exprimir”, a derivação exige situar o momento em que o processo expressivo se completa. Para Candido, os anos trinta são decisivos, uma vez que às transformações de vulto implementadas na área da cultura, aduziu-se a rotinização e expansão do modernismo (Cf. ***A revolução de 1930 e a cultura***). A intelectualidade modernista construiu a política cultural do Governo Vargas, segundo Sérgio Miceli, “projeto sólido” de uma “intelectualidade engajada” (***Intelectuais e classe dirigente no Brasil***). Em decorrência, os três ensaístas do decênio de trinta, Gilberto Freyre, Caio Prado Jr. e Sérgio Buarque de Holanda, são classificados, por Antonio Candido, no rol dos intérpretes do Brasil, evidência assumida na qual é necessário se deter, uma vez que corta de forma natural a tradição intelectual, nublando o lugar dos pensadores precedentes. O “eixo catalisador”, dos trinta, foi um marco histórico, pois revela a ruptura entre o “antes” e o “depois”, para retomar Antonio Candido. Essas “operações sociais de nomeação” (Bourdieu, 1998, p. 81) exprimem posições intelectuais, permitindo-se desnaturalizar as classificações. A tradição firmada provém do modernismo, visto como expressão mais genuína da nossa cultura. Naturalmente, nenhum cânone resulta de construções arbitrárias. Mestre Candido expressa uma visão normativa que, como se vê, parece inescapável. Para sumarizar, é, de fato, grande a transformação no pensamento intelectual, quando a linguagem modernista chega ao ensaio, sincronizando o problema da reflexão – a viabilidade de inserção na modernidade de um país cuja formação histórica escapa ao padrão – com a forma da expressão – a ruptura com a norma culta portuguesa. Os chamados intérpretes, de outro lado, inseriram-se no caldo do modernismo ao ajustarem a visão orientada para as nossas particularidades, apoiada na aceitação da diversidade e não no espelhamento nas experiências da modernidade hegemônica. Deixamos a condição de

sociedade faltosa, incompleta, carente dos atributos civilizados para a afirmação das nossas qualidades nem sempre positivamente valoradas, sobretudo em ***Raízes do Brasil***.

Segundo Arnoni Prado, “quem olha o conjunto da obra crítica de Sérgio, anterior a 1930, nota, já no período que antecede a semana de 1922, uma impressão difusa de que a nossa produção intelectual inscrevia-se num quadro típico de cultura periférica sem eixo próprio”. (Prado, Antonio Arnoni.p 263. A cultura periférica designada pressupõe construir a nomeação, afastando-se da ausência de qualificação, do incharacterístico. Espécie de superação de Macunaíma? Ou, é mais uma das nossas singularidades reconstruir a nossa formação histórica para sermos modernos e modernistas? É possível concordar com Abel Barros Baptista, que a formação, “neste sentido não é modernista, ou seja, é modernista sem o ser”? (p. 19).

Talvez aí resida a explicação para a tendência dos intelectuais no Brasil escreverem profusamente a respeito dos próprios intelectuais, sobretudo sobre os Intérpretes, que é um modo de revisitar o modernismo e pensar a nossa modernidade. Uma vez que a linguagem das vanguardas vicejou entre nós afirmando as nossas particularidades, em sincronia com os projetos de modernização, os ligamentos entre eles destacaram as nossas singularidades. A coincidência entre modernismo, modernidade e modernização conferiu o traço do pensamento brasileiro, evidente na realização concomitante da formação da moderna nação e da criação da linguagem modernista, identificada com a expressão nativa. A chamada “Consciência criadora nacional” conferiu ao modernismo “configuração particular” (Abel Baptista, p. 3 e 19), deixando entrever o quanto fomos originais na assimilação da cultura moderna. Por essa razão, a análise dos meandros do pensamento elucida a história brasileira, tendo em vista, como observou acuradamente Élide Rugai Bastos, que “sem compreender tanto as idéias como o lugar social desses intelectuais é impossível entender o movimento geral da sociedade brasileira” (Bastos, E. R., 2002, p. 183). No que se refere aos chamados Intérpretes, os praticantes do ensaísmo crítico, a condição por eles alcançada de explicadores do Brasil permitiram-lhes auferir dicção própria. Como observou Sylvia Saitta, “o nome próprio de quem assina o ensaio é um dos elementos chave do gênero: ao assumir a primeira pessoa, o ensaísta assume também um

compromisso explícito com o leitor, ao qual propõe um pacto de leitura que, com seu nome próprio, assume a responsabilidade dos enunciados” (2004, p. 108).

A recorrência de estudos a respeito da obra dos ensaístas é, nos dias que correm, tendência marcante da sociologia da cultura no Brasil, revelando a correção da frase de Roger Bastide, para pensar a sociologia: “Pensar o que se faz, é saber o que se pensa”. Em conseqüência, a renovação das reflexões sobre a obra dos Intérpretes, aviva a apreciação das hesitações da nossa modernidade, fruto de certo desconforto frente ao presente, pelo menos de certo ceticismo da análise. Em contrapartida, a iluminação de experiências que escapam das realizações típicas reverte para a própria teoria, como sublinhou mestre Florestan Fernandes, para quem o confronto com a história da chamada periferia moderna permite equacionar pontos obscuros do pensamento clássico e preencher os vazios não contemplados.

Bibliografia

Arantes, Paulo E. (1997). “Providências de um crítico literário na periferia do capitalismo”. In *O sentido da formação*. Arantes, Paulo E., e Arantes Otília B. F., São Paulo, Paz e Terra.

Arruda, Maria Arminda do N. (2004). “Pensamento brasileiro e sociologia da cultura: questões de interpretação” *Tempo Social*, vol.16, n.1.

Baptista, Abel B. (2005). *O cânone como formação. A teoria da literatura brasileira de Antonio Candido*. Impresso.

Bastos, Elide R. (2002). “Pensamento social da Escola Sociológica Paulista”. In *O que ler na ciência social brasileira 1970-2002*. Sérgio Miceli (org.), São Paulo, Sumaré.

Bourdieu, Pierre (1998). "Linguagem e poder simbólico". In *Economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer*. Trad. port., São Paulo, Edusp.

Candido, Antonio (1975). *Formação da literatura brasileira (momentos decisivos)*. 2vol., 5 ed., Belo Horizonte, Itatiaia-Edusp.

Candido, Antonio (2000). "a revolução de 1930 e a cultura". *A educação pela noite e outros ensaios*. 3 ed., São Paulo, Ática.

Holanda, Sérgio B. de (1963). *Raízes do Brasil*. 4 ed., universidade de Brasília.

Mannheim, Karl (1968). "O problema sociológico da 'intelligentsia' ". *Ideologia e utopia*. Trad. port., Rio de Janeiro, Zahar.

Miceli, Sérgio (1979). *Intelectuais e classe dirigente no Brasil(1920 1945)*. São Paulo , Difel.

Prado, Antônio Arnoni (2004). "Raízes do Brasil e o modernismo". In *Trincheira, palco e letras. Crítica, literatura e utopia no Brasil*. São Paulo, Cosacnaif.

Saitta, Sylvia (2004). "Modos de pensar do social. Ensayo y sociedad en la Argentina". In *Intelectuales y expertos. La constitución social em la Argentina*. Federico Neiburg e Mariano Plotkin (org.) Buenos Aires, Paidós.

Schwarz, Roberto (1977). "As idéias fora do lugar". In *Ao vencedor as batatas*. São Paulo, Duas Cidades.